

PONTA GROSSA

Senhores,
Há momentos na vida do homem e das coletividades, que se revestem de tão excepcional transcendência, que assumem características de tão alta significação e relêvo, que logram escrever, com caracteres indelévels, páginas luminosas e eternas nos anais impercíveis da história.

É um desses momentos, que definem uma raça e caracterizam uma época, nós o estamos vivendo agora. Momentos de intensa vibração cívica, instantes em que os corações se entrelaçam, vinculados pelo mesmo ardor patriótico, comungando do mesmo sentimento de entusiasmo, de júbilo e emoção, ante a grata efeméride que hoje festivamente se comemora — o centésimo vigésimo oitavo aniversário de fundação da cidade de Ponta Grossa.

O dia de hoje — senhores — que nos proporciona recordações ditosas e inesquecíveis, tanto mais encerra singular realce e esplendor, quando consideramos que esta cidade tem a honra de hospedar, em sua data magna, a personalidade inclita e eminente de Sua Excia., o sr. governador do Estado, e ainda porque, justamente hoje se fará inaugurar, num atestado vibrante da capacidade realizadora dos pontagrossenses e do futuro auspicioso que se lhes reserva nesse setor de atividade, a Primeira e Grande Exposição Industrial do Município.

Tudo, enfim, é alegria, tudo são festas e flores! Até a própria natureza, como se pretendesse trazer-vos a sua mensagem de fé, o seu amplexo efusivo de felicitações, a expressão vigorosa e ardente de confiança nos destinos grandiosos da Princesa dos Campos Gerais, engalanou-se como nunca, soberba e altaneira, majestosa e radiante, identificando-se convosco na vibração desse mesmo sentimento que vos extravasava os corações.

Podéis contemplar, pontagrossenses, no dia de hoje, como mais azul é o azul do vosso firmamento; mais harmônicos e suaves são os gorgeios da passarada; mais verde o colorido verdejante das vossas campinas; mais luminosos e ardentes os raios benfazejos do astro-rei, que vieram oscular-vos a fronte neste dia palpitante de emoções e de festas.

Os imponentes edifícios desta "urbs" altiva e magnificente, como que ainda mais se ensoberbecem ante o esplendor da hora que vivemos. O sorriso alegre e festivo, estampado nos vossos semblantes, emprestam singular tonalidade à significação do momento que passa.

É a voz da história que se patenteia nos vossos lábios, são os acordes líricos do passado que ecoam nos vossos corações: história de uma terra divina e fértil, — passado de um povo heróico e empreendedor, que jãmais poupou sacrifícios em prol das grandes conquistas, em favor de esplêndidas realizações.

Apelemos, pois, para a história no sentido de que ela nos descerre os horizontes do passado e nos mostre os feitos gloriosos de vossa gente.

Ao lançarmos um olhar retrospectivo para os acontecimentos que determinaram a fundação desta importante comuna, deparar-nos-emos com um cenário maravilhoso e soberbo, pródigoamente adornado

pela mão sábia da natureza, capaz de excitar a inteligência do poeta e embebeceer a alma mística do selvícola, o qual se julgava — como reza a história — "senhor feliz de um paraíso".

Nessa época, lá pelo ano de 1772, mercadores, itinerantes e tropeiros, sempre votados à sua destinação de bandeirantes, sempre ávidos de novas conquistas, afeitos à vida ariscada de aventuras em longas terras, demandavam estas paragens, que eram ponto forçado de passagem para regiões circunvizinhas ou distantes, em cumprimento de missões muitas vezes árduas, já que os meios de comunicação apresentavam total e absoluta precariedade.

Como ponto de pernoite, escolhiam o Capão da Ponta Grossa, o qual proporcionava ensino a que os animais descançassem e eles próprios se refizessem da longa e penosa jornada. Adveio, daí, a natural e consequente necessidade de recursos para que esses viandantes se reabastecessem e se preparassem para novas etapas a vencer.

É, nas terras que Domingos Martins Fraga denominara Sítio de Santa Fé, diretamente subordinadas à Freguezia de Santana do Iapó, posteriormente, Vila Nova de Castro, começaram a se instalar pontos de comércio, núcleos de pequenas concentrações. Alguns habitantes dessas e de outras regiões, ante a perspectiva alvissareira que se lhes oferecia, mediante a realização de um comércio, que já se prenunciava vantajoso, trataram de estabelecer-se nas proximidades do Capão da Ponta Grossa. A beleza do cenário os empolgava. As ricas paisagens, os abundantes mananciais, a fertilidade do solo, tudo contribuiu para intensificar neles profundo desejo de ali viverem.

O nome de Capão da Ponta Grossa foi conservado até que, em 20 de janeiro de 1789, quando a Freguezia de Santana do Iapó passou a denominar-se Vila Nova de Castro, as terras do Capão da Ponta Grossa passaram a ser mencionadas pelos itinerantes com a denominação de Capão de Mato: Ponta Grossa. Grande surto de progresso já se antevia, desde então, para essas terras, com o aumento sempre crescente de moradores e a natural valorização das propriedades. Transações de vulto relativamente apreciável já se verificavam, desde logo, nos domínios do Capão de Mato: Ponta Grossa. Os núcleos de densidade demográfica, a pouco e pouco, iam-se avolumando, para formar, dentro em breve, os bairros de Caracará e Uvaranas, terras que, naquela época, já constituíam objeto de vivas disputas, em face da grande valorização que se anunciava, eminente.

Intensificando o movimento comercial, imprimindo singular valor às atividades realizadas, e centralizando, agora, várias estradas que possibilitavam a afluência de novos moradores, os dirigentes do Bairro, dentre os quais salientamos os nomes de Miguel Ferreira da Rocha Carvalhaes, Domingos Ferreira Pinto, Benedito Mariano Ribas, Francisco de Assis Ribas, e outros, deliberaram assinar o pedido de elevação do Bairro à Freguezia.

Era o natural anseio de melhoria e progresso que os im-

pulsionava na consecução de tão louvável empresa; era o germen latente de conquistas, de libertação, que animava os corações de tão ousados combatentes, nesta pugna incansável pelas causas da prosperidade e da justiça.

E após vários anos de ingêntes esforços, quando se submeteram a toda sorte de exigências, ao preenchimento de várias formalidades atinentes ao cometimento, e quando ainda se faziam ouvir, nas terras iluminadas pelo Cruzeiro do Sul, desde as cochilhas sulinas às terras áridas do Nordeste, as clarinadas altissonantes de independência, de libertação, os habitantes do Bairro, mobilizando todos os recursos de que dispunham, pondo à prova o arrojo da sua coragem, a firmeza da sua decisão, conseguiram ver concretizado, afinal, os sonhos por tantos anos acalentados, as aspirações por tanto tempo veladas com especial carinho.

É que surgira a data magna. Chegara o dia inesquecível de 15 de Setembro de 1823, que assinalou o marco inicial de independência para os corações daquela gente laboriosa, sempre vibrátil nos grandes anseios de libertação.

Por ato do Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Império do Brasil, criou-se "uma nova Freguezia com o rgo de Nossa Senhora Santana, em lugar vizinho à Capela denominada Casa de Telha, no Bairro de Ponta Grossa, distrito da Vila de Castro, do Bispado de São Paulo, ficando desmembrada da Freguezia da mesma Vila", segundo historia Pedro Novais.

A 11 de março de 1833, a Câmara de Castro foi obrigada a subdividir o seu Município em cinco distritos de paz, ficando Ponta Grossa como o quarto distrito da Vila.

Conta-nos, ainda, Pedro Novais, que a elevação da Freguezia em distrito de paz, convenceu os pontagrossenses das suas reais capacidades. Estavam quasi libertos do fóro de Castro.

Três décadas já se haviam passado. A 1º de novembro de 1854, o Presidente da Província do Paraná, Zacarias de Góes e Vasconcelos e sua comitiva oficial, em visita às localidades de Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa e Castro, percebendo o esforço dos moradores, observando a iniciativa particular e o movimento do comércio, auscultando as aspirações do povo de Ponta Grossa e se capacitando do seu real valor, deliberou decretar a lei que haveria de firmar, de vez, a completa independência dos pontagrossenses.

E a libertação, pela qual se bateram, com frêmito insopitável imbuidos pelo sentimento mais vivo de amor à sua terra, estava, enfim consolidada, com a promulgação da lei nº. 54, de 7 de abril de 1855.

Novos horizontes se descorriam nos céus de Ponta Grossa, novos ideais animavam, agora, os corações de seus denodados filhos. E o progresso não parou. Com o mesmo espírito de abnegação e de fé, com a mesma vontade férrea de conseguir novos triunfos, acrescentar novas vitórias ao seu patrimônio inestimável de glórias e conquistas, traçando páginas imortais na sua história política, econômica, cultural e religiosa, os pontagrossenses travaram novos emba-

Por Luiz Reis

tes em prol da consecução de êxitos novos e consagradores.

E, da modesta Freguezia de Nossa Senhora Santana, de ontem, surgiu a imponente, majestosa e bela Ponta Grossa de hoje — símbolo imortal de uma raça forte e varonil, de um povo ordeiro e laborioso, pacífico e valoroso.

O exemplo edificante de vossos avós — pontagrossenses — traduzido em rasgos de heroísmo e tenacidade, em espírito de lutas e sacrifício, em sentimentos de vontade indômita e inquebrantável, não se fez em vão. Procurando seguir-lhes, fielmente, os passos, acabastes por realizar esta obra portentosa de urbanismo, que constitui motivo de admiração para os que aportam nestes rincões paranaenses, justificado orgulho para os vossos filhos, que tiveram a ventura de vir à luz nas terras gloriosas deste município.

O atestado eloquente do que sois capazes de realizar, aí está consubstanciado neste rol interminável de empreendimentos. Enumerá-los, seria desnecessário e supérfluo, uma vez que eles se nos patenteiam à vista.

As vossas atividades não se estenderam, somente, aos domínios comerciais ou fabrís, agrícolas ou pastoris, ao setor do aprimoramento urbanístico, que por si sós falam vivamente na linguagem expressiva e incontestável dos fatos e valem por uma consagração ao espírito laborioso dos vossos filhos, mas fustes além; cuidastes, com o mesmo carinho, do vosso progresso intelectual, do vosso desenvolvimento cultural, artístico e religioso. Em boa hora reconhecesteis que não só deveriam merecer especial atenção os problemas de ordem essencialmente material, mas também aqueles que dizem respeito ao espírito, à inteligência.

E o vosso exemplo, neste particular, merece ser imitado pelos nossos irmãos de outras plagas. Escolas e academias,

centros culturais e associações recreativas, núcleos de diversões e sociedades desportivas foram criados, numa exata compreensão de que, somente de um corpo são resulta a mente sadia e equilibrada. Com amplo respeito às crenças e opiniões religiosas ou políticas, aqui floresceram instituições admiráveis pelo seu sentido altruista, humanitário, religioso e político.

Os lídimos princípios de liberdade e justiça, que outorgaram à vossa cidade o honroso título de Capital Cívica do Paraná, foram por vós tão carinhosamente cultuados, que lograstes oferecer ao vosso Estado e à pátria brasileira o mais sugestivo exemplo de vanguardeiros nas causas do bem, nas causas do progresso, da independência e do civismo.

Estais de parabéns, portanto, pontagrossenses! A vossa cidade está em festa e os vossos espíritos inebriados da mais fremente emoção. Que os vossos pósteros saibam edificar, no futuro, aquilo que de forma tão brilhante estais realizando no presente, e que é o reflexo nítido e primoroso do passado.

Por isso, pontagrossenses, ergam-se, neste instante, vossas frentes, palpitem de entusiasmo os vossos corações, entoando hosanas de louvor e gratidão aos vossos antepassados, que souberam legar-vos esta herança imorredoura de glórias, tradição e valor. E, ao ensejo de tão gratas e indelêveis recordações, permite, ó Ponta Grossa, que te rendamos o nosso culto reverente de admiração e carinho, e nos curvemos, quais humildes vasalos, ante a realza majestosa do teu passado heróico.

15 de Setembro de 1951.
(Discurso proferido na Câmara Municipal de Vereadores, por Luiz Reis, do Centro Cultural "Euclides da Cunha", ao ensejo da sessão magna comemorativa do 128º aniversário de fundação da cidade de Ponta Grossa).